

CULTURA VISUAL E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL: CONCEITOS, ENTRECRUZAMENTOS E EXPERIÊNCIAS

*VISUAL CULTURE AND INTERCULTURAL MEDIATION:
CONCEPTS, CONNECTIONS AND EXPERIENCES*

Nicolas Andres Gualtieri

Universidade Federal de Goiás, Brasil, Argentina
nicoagualtieri@gmail.com

Resumo

Com a globalização, os fluxos migratórios aumentaram indefinidamente os contactos entre as culturas e a coabitação entre diferentes modos de vida, contribuindo para a multi/interculturalidade das sociedades e das escolas, para a partilha e coabitação de tradições culturais, de competências e de saberes. Pensar o território, qualquer que seja, implica conhecer e compreender as populações, cultura(s), potencialidades e dinâmicas. Também supõe compreender as interações sociais e eventuais situações de tensão ou conflito que se manifestem no âmbito das vivências cotidianas dos seus habitantes migrantes e/ou naturais. A cultura visual é uma das ferramentas através da qual podemos compreender este processo de mediação e entender como são desenvolvidas essas relações. Apresentam-se neste trabalho algumas perspectivas e experiências que dialogam entre esse conceito e os processos de mediação intercultural. De maneira particular é apresentada a minha experiência como estrangeiro na cidade de Goiânia (Goiás, Brasil), onde realizei um processo de seleção de peças artísticas e pintores goianos para apresentar um acontecimento histórico, que pela minha percepção, não era amplamente abordado pelos habitantes da cidade: o acidente radiológico do césio-137. Anos depois, a experiência me leva a refletir sobre os vínculos interculturais que gerei ao apresentar essa parte da história da cidade por meio das imagens e dos artistas, e perceber que cada cidade possui tensões históricas e culturais ocultas que só as imagens estão dispostas a contar.

Palavras-chave: interculturalidade; cultura visual; mediação; experiência.

Abstract

The globalization and the migratory flows have increased immensely the contacts among the cultures and the cohabitation between different lifestyles, contributing to the multi/interculturalism of the societies and the schools, for the sharing and cohabitation of cultural traditions, competence and knowledge. To think the territory, no matter which one, implies to know and understand the populations, culture(s), potential and dynamic. It is also assumed that the social interactions and eventual situations of tension or conflicts that happen in this territory is comprehended and expressed in the context of daily interactions of its migrant and natural inhabitants. The visual culture is one of the tools that can be used to understand this process of mediation and comprehend how these relations are developed. This paper shows some perspectives and experiences that interact with this concept and the processes of intercultural mediation. Particularly, my experience as a foreigner in the city of Goiânia (Goiás-Brazil) is presented, I carried a process of selection of pieces of art and local painters to present a historic event, which under my perspective was not greatly discussed among the inhabitants: the radiologic accident of Cesium-137. Years later, this experience make me reflect on the intercultural bonds that I have generated when I presented this part of history of the city through the images and the artists, and guide us to notice that each city owns hidden historical and cultural tensions which only the images are ready to tell us.

Keywords: interculturality; visual culture; mediation; experience.

Introdução

Para dar continuidade aos meus caminhos iniciados no curso de mestrado em Artes e Cultura Visual (ACV) na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV-UFG), no doutorado, proponho ir atrás de novas vozes e experiências em produção de material didático para ensino a presencial e a distância. Tendo analisado as experiências de produção de materiais didáticos produzidos no Centro Integrado de Aprendizagem em Rede da Universidade Federal de Goiás (CIAR/UFG), tendo ouvido as vozes dos alunos que lidam diariamente com esses materiais e entregado um *feedback* para a instituição que durante muito tempo esteve ausente nas discussões, me encontro no momento de mergulhar em novos caminhos que terão como eixo principal não só a cultura visual, a visualidade e a mediação, senão também a interculturalidade. Busca-se então expandir as experiências em produção de material didático conhecendo escritórios, laboratórios, pessoas e materiais produzidos por outras instituições nacionais ou internacionais. Isso acontecerá indo até os locais escolhidos, interagindo, conversando, perguntando, entrevistando, fotografando, colocando “as mãos na massa” ou empregando as mídias tecnológicas e as redes de comunicação como mediadoras. Posteriormente, procura-se analisar os resultados e delimitar processos metodológicos, ferramentas e tendências que possam contribuir com um melhor ensino-aprendizagem no contexto da UFG.

Neste contexto, torna-se importante começar a pensar como acontecem as relações e mediações interpessoais em contextos externos ou alheios aos do nosso cotidiano cultural. Para desenvolver isso, é relevante partir dos conceitos de interculturalidade, multiculturalidade e mediação, e perceber assim como estes conseguem vincular-se com a cultura visual de cada local ou território particular, como essas imagens conversam com a identidade e o cotidiano dos sujeitos, como elas falam a respeito dessa cultura. Essa instância inicial permite estabelecer possíveis relações a serem consideradas ao longo dos estudos de Doutorado.

Desenvolvimento. A cultura visual e as experiências imagéticas como processos de mediação educacionais

A “virada cultural” proposta pelos Estudos Culturais analisa as práticas sociais e as suas relações como modos de gerar significado. Nos dias de hoje, especialmente no campo dos estudos da imagem, não é possível pensar na experiência social sem discutir os sentidos e significados das imagens. Os Estudos Visuais foram impulsionados pelo que Mitchell (2009) denominou em sua obra Teoría de la Imagen, a “virada pictórica”.

A aproximação dos Estudos Visuais com os Estudos Culturais deve-se, entre outros fatores, à compreensão da cultura como um campo de diferenças e lutas sociais, que reproduz um espaço de conflito de práticas de representação com os processos de formação e reformação de



grupos sociais. Busca-se compreender então, como os artefatos¹ discursivos visuais participam e constroem os diferentes grupos sociais que configuram a vida das pessoas. Mitchell (2009) mostra como o estudo do campo visual é transformado pelas diversas possibilidades de ação do espectador (o olhar, o fixar do olhar, as práticas de observação, de vigilância, de prazer visual), as quais podem ser tão problemáticas quanto as várias formas de leitura (decifração, decodificação, interpretação, etc.).

Na proposta da “virada pictórica”, de Mitchell, na década de 90 do século passado, ganha destaque a expressão “virada visual”, cunhada por Martin Jay (1993) ao questionar o papel do visual na formação do sujeito. Para o autor, refletir sobre a técnica e, sobretudo, sobre as culturas da imagem, é fator decisivo para caracterizar a construção discursiva, textual ou institucional de imagens derrubando o que ainda possa existir como estereótipo natural (KNAUSS, 2008). Entretanto, ao mesmo tempo em que a imagem desvincula-se do analogismo direto ao seu objeto, se decodifica e ressignifica a partir de novos contextos e valorações culturais.

Ao entender a proposta desenvolvida pelos Estudos Culturais e mais precisamente pela virada pictórica, somos obrigados a refletir sobre duas questões: a primeira, o papel da cultura imagética na sociedade; a segunda, a educação artística e as experiências dos alunos na sala de aula a partir dos materiais didáticos imagéticos produzidos. Entendendo que

a cultura visual aborda e discute a imagem a partir de outra perspectiva, considerando-a não apenas em termos de seu valor estético, mas, principalmente, buscando compreender o papel social da imagem na vida e na cultura (MARTINS, 2005, p. 29-30).

As imagens são concebidas como táticas de poder, empregadas por setores sociais numa luta pela legitimação de valores e crenças. Por esta razão, é importante pensar um ensino de artes em diálogo com a cultura visual de maneira que possibilite a formação de cidadãos com um pensamento crítico. Nesse contexto, é claro o impacto de uma cultura de consumo numa sociedade que não sabe lidar com os impulsos imagéticos e a proliferação de imagens de consumo possibilitadas principalmente pela manipulação das mídias de comunicação em massa. As imagens, geralmente, oferecem valores de mercado, marcadas principalmente por crenças sociais convencionais (estereótipos), em que a principal mensagem é consumir os bens e serviços sociais que possibilitem a nossa felicidade e estabilidade social (DUNCUM, 2011).

Nesse contexto, ressurge com força o papel da educação artística para a formação integral das pessoas e para a construção da cidadania. O desenvolvimento da capacidade criativa, do pensamento abstrato, da autoestima, da disposição para aprender ou da capacidade de trabalhar em equipe, encontram na educação artística uma estratégia potente (MIRANDA, 2012).

¹ No contexto desta investigação devemos considerar os materiais didáticos produzidos a partir de imagens como *artefatos visuais* que “ofrecen acceso al comportamiento humano entendido con suficiente amplitud para incluir una referencia a las dimensiones de las experiencias emocionales y psíquicas, así como a las más directamente racionales” (MOXEY, 2009, p. 16).



Dewey (1934) nos permite refletir a respeito da nossa tarefa como educadores, que consiste em restaurar a continuidade entre as formas refinadas e intensas da experiência, as obras de arte, e os acontecimentos que constituem a experiência cotidiana. Devemos contemplar todos os artefatos geradores de experiências estéticas, incluindo as belas artes, artes populares e objetos presentes na cultura popular e na cultura de massas. Atualmente, uma mudança do currículo nos espaços acadêmicos e as possibilidades tecnológicas que ajudam na inclusão social, marcam o caminho em direção a novas ferramentas ou técnicas que permitam refletir sobre questões interdisciplinares a partir da utilização das imagens na sala de aula.

Nesse momento, devemos pensar que, de maneira geral, os materiais didáticos para educação são um conjunto de imagens que se articulam para estabelecer relações entre o professor e o aluno, o aluno e o conhecimento, o aluno e suas experiências cotidianas.

Mediações

Considero importante pensarmos sobre a mediação da perspectiva da cultura visual. Nesse sentido, retomo a ideia de Nathalie Heinich (2008, p. 87) ao explicar que “o termo *mediação* [...] designa tudo o que intervém entre uma obra e sua recepção [...]”. A mediação é o elo que promove contatos, interações e relações do trabalho artístico com o indivíduo no campo da arte. Numa visão mais ampla, o conceito de mediação atravessa várias áreas do conhecimento, sendo utilizado por elas em suas concepções e possuindo características específicas em cada uma destas áreas. Nesses diferentes contextos, a mediação refere-se ao cultural enquanto ação educativa. Uma relação de troca de conhecimentos, de reflexão crítica sobre o mundo social e cultural que permite ao indivíduo se perceber enquanto agente nessa construção da realidade (BARROS; BEZERRA, 2015).

No campo da educação, particularmente na modalidade a distância, a mediação geralmente assistida por tecnologias, deve buscar trabalhar os conteúdos de modo diversificado, considerando as particularidades dos alunos e das diversas turmas. Mesmo que os conteúdos sejam os mesmos, as abordagens serão diferenciadas a partir do contexto cultural particular. Pensando essa relação entre educação, cultura, mediação e indivíduo, autores como Imanol Aguirre (2011) focam suas análises nas proposições que essa relação tem possibilitado para ampliar os conceitos de mundo através de um exercício de olhares, diálogos provocativos e troca de experiências que criam e recriam reflexões, percepções, conexões e múltiplas significações sobre o universo particular e coletivo dentro de contextos específicos.

Na mediação, entre tantos, estamos atentos às falas, aos silêncios, às trocas de olhares, ao que é desvelado e velado, aos conceitos e repertórios que ditam os gostos, os modos de pensar, perceber e deixar-se ou não envolver pelo contato, com a experiência de conviver com a arte. Convívio que nos exige sensibilidade inteligente e inventiva para pinçar conceitos, puxar fios e conexões, provocar



questões, impulsionar para sair das próprias amarras de interpretações reducionistas, lançar desafios, encorajar o levantamento de hipóteses, socializar pontos de vistos diversos, valorizar as diferenças, problematizando também para nós o convívio com a arte. Muito mais do que ampliar repertórios com interpretações de outros teóricos, a mediação cultural como a compreendemos, quer gerar experiências que afetem cada um que a partilha, começando por nós mesmos. Obriga-nos, assim, a sair do papel de quem sabe e viver a experiência de quem convive com a arte. (MARTINS, 2006, p.3).

Como indica Martins, a mediação abrange um conhecimento que começa pelo indivíduo, que parte das suas vivências, opiniões, olhares, sensações primeiras e construídas, valores, porquês, dúvidas, entre outros detalhes. Parte do conhecimento particular para o conhecimento coletivo, amplo, ligado às referências teóricas, visões de mundo, influências sociais, econômicas e históricas, para então dialogar com o trabalho de arte e as práticas educativas construídas para esse exercício de correlações. Este exercício que acontece entre sujeito e obra, professor e aluno, aplica-se também no meu caso como pesquisador e criador de objetos didáticos tendo que mediar o processo de criação com os professores (trabalho colaborativo), para desenvolver materiais didáticos que permitam estabelecer relações entre sujeito e contexto, cotidiano e conhecimento, o aluno e sua bagagem cultural e social. Comecemos a pensar então, quais são as características ou principais preocupações que podem-se dar nesses processos em contextos interculturais.

Mediações interculturais

A interculturalidade se caracteriza como um processo que implica uma relação entre pessoas de diferentes contextos que caracterizam seu viver cotidiano, no qual se apóiam, e na historicidade das pessoas e do grupo. A relação se dá numa perspectiva de trocas de saberes e de bens tanto culturais quanto materiais, e ela se organiza como processo de negociações que caracterizam a vida em sociedade. Esse processo envolve interesses, poderes e saberes que caracterizam esse movimento em um processo político e ideológico. O autor Fidel Tubino (2004), comenta o que anteriormente foi mencionado, o fato de estarmos num mundo mais interconectado e de maior informação, mas ao mesmo tempo tentando resolver problemas de maneira isolada,

La interculturalidad no es un concepto, es una manera de comportarse. No es una categoría teórica, es una propuesta ética. Más que una idea es una actitud, una manera de ser necesaria en un mundo paradójicamente cada vez más interconectado tecnológicamente y al mismo tiempo más incomunicado interculturalmente. Un mundo en el que los graves conflictos sociales y políticos que las confrontaciones interculturales producen, empiezan a ocupar un lugar central en la agenda pública de las naciones. (TUBINO, 2004, p. 3)

A perspectiva intercultural da educação reconhece o caráter multidimensional e complexo da interação entre sujeitos de identidades culturais diferentes e procura desenvolver concepções e estratégias educativas que favoreçam o enfrentamento dos conflitos, na direção da



superação das estruturas sócio-culturais geradoras de discriminação, de exclusão ou de sujeição entre grupos sociais (WALSH, 2010). Particularmente nesta pesquisa, o estudo da interculturalidade em educação tem uma importância imprescindível no fato de que ela possibilita o desenvolvimento de propostas e políticas que incorporam a cosmovisão e o modo de ser de uma população que se constitui de pessoas vindas de diferentes partes.

Centrando-nos especificamente na Mediação Intercultural, a definição de Gimenez (1997) é aquela que considero mais adequada para falarmos deste enfoque específico e transversal aos diferentes âmbitos da mediação. Assim, a mediação intercultural é uma modalidade de intervenção de terceiras partes, em e sobre situações sociais de multiculturalidade significativa com particular atenção ao outro, à sua revalorização e reconhecimento nessa diferença. Já seja nos introduzindo culturalmente em comunidades minoritárias étnicas, raciais, qualquer outro tipo de grupos nacionais ou internacionais que vivenciam a cultura por meio de imagens diferentes. Os princípios e os métodos da mediação têm como objetivos a aproximação das partes, a comunicação e a compreensão mútua a aprendizagem e o desenvolvimento da convivência pacífica. Em síntese, a mediação em geral e também a mediação intercultural contribui para promover as relações cooperativas, seja a nível preventivo, seja a nível resolutivo de conflitos já instalados, facilitando a comunicação e a descoberta participada de soluções. Também, recriar a instância de diálogo, reforçar as possibilidades de recuperar e reinstalar recursos relacionados com o aumento da socialização, o desenvolvimento de padrões de colaboração, o reconhecimento do outro e a responsabilidade individual e social. A participação das pessoas de forma voluntária é uma condição essencial para o exercício da mediação e para promover o diálogo, a aprendizagem cooperativa e a construção dos laços sociais, principalmente ao longo do processo de pesquisa.

A idéia é que nas pesquisas interculturais o poder das comunidades sobre suas imagens e representações seja sempre respeitado, como única forma de eliminar-se ou diminuir a relação assimétrica de poder da cultura ocidental sobre as culturas diferentes. E como única forma de chegar mais perto da elaboração de políticas públicas que estejam mais próximas de um ideal de justiça social.

Imagens escondidas

Não posso negar que meus percursos interculturais são aqueles que sempre me posicionam para debater as interações culturais, observar e amadurecer espaços de conflito e tensões e principalmente tentar encontrar as imagens que contextualizam os diálogos e as mediações nesses contextos.

Uma situação que tinha me acontecido há uns anos e que caiu em esquecimento, com o correr do tempo voltou a mim enquanto desenvolvia os princípios da cultura visual e mediações interculturais na disciplina Estudos Dirigidos em Antropologia, Visualidades e Diferenças ofertada



pelo professor Glauco Ferreira do programa de Artes e Cultura Visual na FAV-UFG. Lembrei que a experiência aconteceu no meu contexto educativo, e que tinha pouco tempo na cidade que hoje, considero meu segundo lar. Todo esse contexto fez a lembrança mais saborosa.

A experiência posiciona-se dentro dos três primeiros meses da minha chegada na cidade de Goiânia, Goiás, no Brasil. Não sabia falar nem escrever em português. Como muitos outros estrangeiros que visitam o Brasil, nunca tinha ouvido falar sobre Goiânia, não sabia da sua história, não conhecia os espaços turísticos, não entendia onde estava posicionada no mapa. Aliás, não tinha sido a minha escolha realizar intercâmbio em Goiânia, senão da minha faculdade de origem que me ofereceu a vaga e eu aceitei sem saber sequer soletrar o nome da cidade. Parte do programa de intercâmbio era aprender uma língua nova, portanto, comecei a frequentar a disciplina de Português para Estrangeiros. Naquele momento, a monitora da turma, que já tinha se tornado minha amiga, teve que ministrar algumas aulas. Com o objetivo de fazer as aulas mais atraentes desenvolveu uma dinâmica e listou uma série de tópicos: cultura, artes, ciência, natureza, música, arquitetura, etc. Cada um dos alunos estrangeiros devia escolher um desses tópicos e relacioná-lo com a cidade de Goiânia, devíamos portanto, pesquisar e apresentar para a turma de forma livre e criativa, como nós considerássemos pertinente. Podia por momentos parecer uma atividade despretensiosa, só que, posso assegurar, que desenvolver uma atividade de apropriação cultural numa sala de aula com 15 pessoas de diversas nacionalidades, com valores éticos, morais, religiosos e culturais diferentes, não é nada superficial. Alemães e franceses escolheram tópicos de biologia e música, os mexicanos faziam comparativos com questões culinárias, outros alunos com fatos políticos e do cotidiano. Por minha parte, escolhi tópico de artes, me adentrei a conhecer a atuação dos pintores do estado e da capital brasileira.

Comecei realizando a clássica pesquisa na internet para tentar achar alguns nomes relevantes. Apareceram aquelas típicas e velhas informações da cidade mais arborizada, da capital Art Déco de Latinoamérica, contudo nada específico sobre pintores e artistas locais. Quando fui adentrando na pesquisa a partir de imagens, encontrei várias obras sem identificação, porém, achei umas imagens bem particulares que trabalhavam algumas desconstruções surrealistas e que tornavam-se muito chamativas pelo insistente uso das cores amarelas, verdes e brancas. Decidi abrir essas imagens e olhar de mais perto, até me deparar com o nome do artista e da peça, Siron Franco. Num primeiro momento não comprehendia a respeito da temática até entender que a obra fazia alusão a um acidente radiológico acontecido na cidade no ano 1987. Atualmente sou ciente e conheço a história, os nomes e locais onde tudo aconteceram. Mas naquele momento não entendia a respeito do que o artista estava tentando representar. Principalmente, porque era uma parte da história de Goiânia que eu desconhecia e ninguém tinha comentado comigo ou com os demais intercambistas. Decidi então procurar mais informações a respeito do acidente radiológico, alguns jornais e recortes bem curtos comentavam sobre ele, entretanto todas as informações eram bem escuetas.



Decidi então visitar dois museus da cidade, porque o meu trabalho era a respeito de arte, e naquele momento, eu considerava que o museu era um dos poucos locais onde poderia encontrar arte. Fui ao Museu de Arte Contemporânea de Goiás e ao Museu Goiano Professor Zoroastro Artiaga (que tempo depois descobri que alojava peças de festas regionais e objetos históricos), aos poucos percebi que as pessoas não conversavam a respeito do acidente radiológico, que não era comentado, que a cidade por momentos tinha esquecido, ou preferido esquecer pelo pouco tempo que havia passado desde o dia do acontecimento.

No meu critério, as mídias tinham sido cúmplices num momento onde não existiam telefones celulares nem redes sociais e onde o acelerado crescimento da cidade se veria prejudicado pela falta de segurança e de responsabilidade política, tanto do estado quanto da empresa responsável pelos aparelhos que tinham sido abandonados e que acabaram trazendo gravíssimos problemas para a população. Descobri que Goiânia tinha histórias que não queriam ou que não deviam ser conversadas, pelo menos não pareciam de interesse, ou isso queriam que pensássemos. Mas sempre motivados por algo, os assuntos aparecem, os diálogos se produzem, as histórias são contadas, e entendi que as artes eram o espaço de diálogo e reclamação a respeito dos acontecimentos do Césio-137. O artista Siron Franco tinha realizado uma amostra inteira a respeito do acidente radioativo. Dela, só restavam fotografias na internet porque não estavam expostas em nenhuma das galerias de exposição da cidade.



Figura 1: Desenhos de Siron Franco / Césio, Rua 57 (Goiânia, 1987)

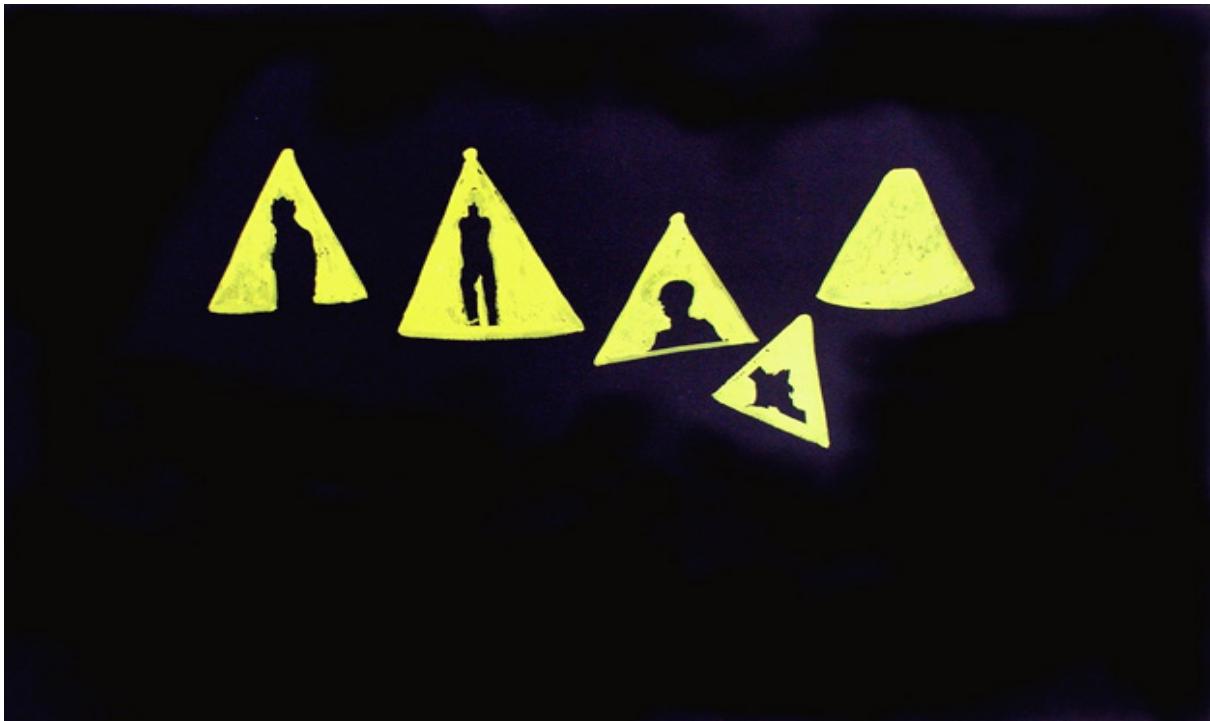


Figura 2: Desenhos de Siron Franco / Césio, Rua 57 (Goiânia, 1987)



Figura 3: Desenhos de Siron Franco / Césio, Rua 57 (Goiânia, 1987)

Esse processo de procura, pesquisa, entendimento dos acontecimentos históricos, conversações com pessoas da cidade e de compreender porque a história não era comentada nem muito conhecida foi uma experiência de mergulho na cultura e na história da cidade. Abrir os

olhos e percorrer os becos, descobrir que os pontos de ônibus que frequentava estiveram ou ainda estavam contaminados pela radiação e que as pessoas lidavam com isso com uma desconcertante naturalidade me levam a pensar hoje que eram situações de conflitos interno produto de formas culturais diferentes. De aceitação de um espaço que não me pertence e que já possui normas, regras e valores de “jogo” (HABERMUS, 1995). Perceber que sou parte de um tabuleiro com dinâmicas e relações já estabelecidas, que não posso mudar, senão pelo contrário, tenho que me adaptar para não ficar isolado. Esse afronto cultural obriga o sujeito a compreender certas dinâmicas que não são comuns no cotidiano dele, o que gera conflito, desconforto, principalmente quando as limitações da língua não favorecem uma comunicação fluente.

Considero que numa experiência intercultural de produção de material didático ou pesquisa de artefatos, a mudança no caráter do cotidiano e a nossa disposição para jogar com novas regras no cenário abordado são condicionantes para compreender e abraçar as diferenças culturais como riqueza, evitando as comparações e redefinindo valores cristalizados internamente.

Finalmente expus e apresentei o artista e suas obras para a turma. Ninguém sabia a respeito do acidente radiológico e isso trouxe vários debates. Hoje percebo que as mediações produzidas pelas artes são tão fortes quanto a própria história, porque quando a história sozinha não consegue dialogar sobre algumas situações, a arte da perspectiva imagética desperta sentimentos encontrados e ansiedade. Considero de uma enorme riqueza que as imagens contem histórias a respeito das cidades, dos becos, das ruas e das pessoas. Fico refletindo aqui: se as imagens falam mais de nós do que delas mesmas, o que essas fotografias das pinturas isoladas na internet dizem a respeito de Goiânia?

Considerações finais

Ao longo da disciplina de Estudos Dirigidos em Antropologia, Visualidades e Diferenças debatemos algumas questões que referem ao trabalho em sala de aula (presencial ou a distância) utilizando referências culturais imagéticas. Dentro desse debate o texto de Ella Shohat e Robert Stam (2006) destacam a utilização de imagens eurocêntricas dentro das salas, onde são apresentadas e trabalhadas idéias de representatividade, experiências e narrativas eurocêntricas que pouco refletem as nossas costumes, etnias ou construções imagéticas. Por isso, refletimos em sala de aula a respeito da utilização de artefatos imagéticos que permitam acessar a própria cultura do local onde é desenvolvida a mediação, empregando artistas, autores ou trabalhando a história e outros conteúdos principalmente sob um olhar independentista e latinoamericano. Um olhar que carrega com uma série de sucessos históricos, sociais, políticos, religiosos, éticos e morais que determinam outra maneira de conceber e compreender os contextos e processos dados principalmente na nossa região. Consumir e reproduzir como próprios aspectos culturais, construções e narrativas que não nos pertencem, atenta contra nossa produção cultural e de



conhecimento. Entendendo, que ante determinados conteúdos ou questões, devemos recorrer às fontes ou autores e situações históricas alheias às nossas. Mas devemos criar o hábito e fomentar a pesquisa regional, a construção de conteúdo nacional principalmente representativo e diversificado.

Neste contexto, refletir a respeito do olhar eurocêntrico e da construção dos materiais didáticos me permite, como pesquisador, começar a compreender que embora nossa cultura imagética esteja “ornamentada” de maneira nacional e representativa, continuamos condicionados por um olhar eurocêntrico. Nossa maneira de estudar, de ler as imagens, até nossa linguagem, por momentos, não nos pertence. Eis aqui que eu me pergunto: de que maneira podemos contribuir para gerar imagens, dinâmicas e metodologias didáticas culturalmente mais ricas e “próprias”? Aquela dinâmica trazida na disciplina de Português para Estrangeiros me leva a pensar: porque, por momentos, a pessoa externa acaba conhecendo ou debatendo mais a cultura do local que o próprio sujeito que nasceu nesse sítio? Seria uma alternativa considerar os alunos nascidos no local como eternos estrangeiros num campo cultural que por momentos pouco conhecem pelos estímulos visuais externos que recebem? Os ambientes acadêmicos: nos ensinam a trabalhar e produzir mediações com pessoas, situações ou conteúdos interculturais visando sempre a experiência e o exercício de tolerância como aprendizado?

Referências

- AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, política da estética e educação emancipadora. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da cultura visual:** conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p.51-68.
- ALMEIDA, H. N. (2009). Um panorama das mediações nas sociedades. Na senda da construção de sentido da mediação em contexto educativo. In: A. P. SIMÃO, A. P. CAETANO & I. FREIRE (orgs.). **Tutoria e Mediação em Educação** (pp.115-128). Lisboa: Educa.
- BARROS J.; BEZERRA, P. Mediação da cultura visual no cenário contemporâneo. **Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos.** Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.
- BRIANT, V. & PALAU, Y. (1999). **La mediation:** definition, pratiques et perspectives. Paris: Nathan Univérsité.
- CORBO ZABATEL, E. (2007). Breve ensayo sobre lo posible. In: R. B. FRIGERIO & G. DIKER (eds). **Las formas de lo escolar.** Buenos Aires: Del Estante Editorial.
- DEWEY, J. **El arte como experiência.** México: F.C.E, 1934.
- DUNCUM, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Org.) **Educação da Cultura Visual:** conceitos e contextos. Santa Maria: EDUFSC, 2011. p. 15-30.



GIMÉNEZ ROMERO, C. (1997). La naturaleza de la mediación intercultural. **Revista de Migraciones** 2, p. 125-159.

HEINICH, Nathalie. **A sociología da arte**. Tradução: Maria Ângela Casselato. Bau-ru: Edusc, 2008.

MITCHEL, W. J. T. **Teoría de la imagen**. Madrid, España: Ediciones Akal, 2009.

MIRANDA, F. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Processos & práticas de pesquisa em cultura visual & educação**. 1a ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2013, p. 7-95.

MARTINS, Raimundo. Das belas artes à cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 25- 35.

MOXEY, Keith. Los estudios visuales y el giro icónico. In: **Estudios Visuales** 6. Centro de Documentación y Estudios Avanzados de Arte Contemporáneo. Murcia, Enero 2009, p. 66-79.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. "Do eurocentrismo ao policentrismo". In: SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosac Naif, 2006.

TUBINO, F. Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico. **Rostros y fronteras de la identidad**, Temuco, UCT, v. 151, 2004, p.1-9. Disponível em: <http://red.pucp.edu.pe/wp-content/uploads/biblioteca/inter_funcional.pdf> Acesso em: 8 sep. 2017.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, J.; WALSH, C.; APIA, L. **Construyendo interculturalidad crítica**, La Paz: Convenio Andrés Bello, 2010.p.75-96.

Minicurrículo

Nicolas Andres Gualtieri

Graduação em Licenciatura en Diseño de la Comunicación Visual (UNL/Argentina). Especialista em História e Narrativas Audiovisuais pela (UFG/Brasil), Mestre e Doutorando (2018-2021) em Artes e Cultura Visual pela (UFG/Brasil). Atualmente professor do Curso de Design Gráfico da (FAV/UFG/Brasil). Tem experiência na área de educação, visualidades, produção de material didático, design, cinema e comunicação.

